

Acordo não sai e Bresser

ria

Jornal de Brasília

acha tudo um "inferno"

"Essa negociação é um inferno. Dinheiro é um negócio muito desagradável, e eles (os bancos) ficam brigando por causa de dinheiro". Este desabafo foi feito às 16h30 de ontem pelo ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, a respeito do impasse em que se encontram as negociações travadas em Nova Iorque pelo assessor especial do ministério para Assuntos da Dívida Externa, Fernando Bracher, com o comitê assessor dos bancos credores internacionais privados.

Bresser fez a declaração quando saía do Ministério da Fazenda para o Palácio do Planalto, onde manteve audiência com o presidente José Sarney, na companhia do seu secretário-geral, Mailson Ferreira da Nóbrega, do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e do diretor da área externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas.

O impasse, conforme informou o chefe da Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério, embaixador Rubens Barbosa, refere-se à remuneração do depósito de US\$ 1 bilhão que os bancos se dispõem a fazer como contrapartida ao depósito brasileiro de US\$ 500 milhões, dentro do esquema de financiamento dos juros da dívida com esses credores vencidos em outubro e vindos em novembro e dezembro. Apesar das dificuldades encontradas nesta fase da negociação, Rubens Barbosa não descartou a possibilidade de o acordo provisório, esperado há vários dias, ser fechado ainda esta semana.

Sem caução

Ao contrário do que vinha sendo informado anteriormente, de que o primeiro depósito brasileiro seria caucionado, o ministro informou altas horas da noite de quarta-feira que estes US\$ 500 milhões serão liberados até o próximo dia 30, juntamente com o US\$ 1 bilhão dos bancos credores. Isto significa que o País estará pagando todos os juros com esses bancos que venceram em outubro e que vencerão em novembro e dezembro, independentemente do fechamento ou não do acordo global referente aos juros de 1987 e parte dos que vencem em 1988 e 1989.

Otimista quanto ao fechamento de acordo quanto à parte restante dos juros desses três anos, Bresser Pereira considerou um avanço a negociação de um acordo por três anos. Esclareceu ainda que quando o País definir o acordo final com os credores, o que espera que ocorra em dezembro, o Brasil fará um segundo depósito, este de US\$ 1 bilhão, e em contrapartida os bancos depositarão mais US\$ 2

bilhões. Estes depósitos referem-se aos juros vencidos desde fevereiro, quando foi declarada a moratória, até setembro. E este dinheiro, conforme esclareceu, que não será liberado. Ficará em depósito caucionado no Banco de Compensações Internacionais (BIS) em Basileia, na Suíça, até a assinatura de todos os contratos de refinanciamento com os bancos, o que ele prevê que possa ocorrer até julho do ano que vem.

Pendências

Bresser Pereira informou que uma pendência ainda não resolvida é como o País vai pagar os juros a partir de janeiro de 1988. Mas desde já adiantou que "se nós não obtivermos financiamento, não pagamos". Também disse que o Brasil só se disporá a fazer uma negociação com o Fundo Monetário Internacional (FMI) depois que estiver assinado o acordo com os bancos privados.

Ele considerou "um grande avanço" o fato de o País desvincular o acordo com os bancos do FMI. Mas adiantou que no acordo preliminar que está sendo fechado por estes dias, em Nova Iorque, o Brasil vai se comprometer a retornar ao Fundo. Deixou claro, porém, que "os desembolsos dos bancos serão desvinculados disso".

Argentina

Embora informações procedentes de Buenos Aires deem conta de que o secretário (ministro) da Fazenda da Argentina, Mário Brodersohn, retornou de sua visita-relâmpago a Brasília, na noite de anteontem (quando se encontrou com o ministro Bresser Pereira na residência oficial deste, na Península dos Ministros), com o apoio brasileiro ao propósito da Argentina de declarar a moratória de parte de sua dívida nos próximos dias, ontem o ministro

brasileiro afirmou: "Não estou sabendo de nada sobre a moratória argentina".

O ministro assegurou que a negociação brasileira não tem nada a ver com a moratória argentina. Já o porta-voz do ministério jornalista Francisco Baker, apenas confirmou que Brodersohn esteve em Brasília. Mas disse não saber o assunto tratado entre os dois ministros. Por sua vez, o chefe da Secretaria de Assuntos Internacionais do ministério, embaixador Rubens Barbosa, não quis pronunciar-se sobre este encontro, do qual participou. Alegou que os dois ministros são amigos e que é normal se encontrarem. Opinou que o tema (moratória argentina e dívida brasileira) é muito delicado e que informações ontem publicadas no jornal O Globo, segundo as quais o Brasil estava retardando o fechamento do acordo provisório em função da moratória argentina, só atrapalha.

Bracher

Sintomaticamente, esta não é a primeira consulta que Brasil e Argentina fazem antes da tomada de uma decisão importante por parte de um deles relativa a sua dívida. No último dia 24 de setembro, um dia antes de entregar sua proposta formal de renegociação ao comitê dos bancos credores, Bresser e o ministro da Economia da Argentina, Juan Sourrouille, reuniram-se em Washington juntamente com o ministro da Economia do México, Gustavo Petricoli. Naquela data foi instalado formalmente o chamado G-3 (Grupo dos Três), que ficou de reunir-se periodicamente para consultas sobre suas respectivas renegociações da dívida.

Ao ser consultado no final da tarde de ontem sobre informações que circularam no Congresso Nacional, segundo as quais o negociador Fernão Bracher teria sido chamado de volta a Brasília, o porta-voz do Ministério da Fazenda disse que o ministro Bresser Pereira lhe assegurou que "desconhece" a informação. Segundo ele, Bracher deverá permanecer em Nova Iorque até o fechamento do acordo. "Será que o PMDB sabe mais sobre os assuntos ligados ao Ministério da Fazenda do que o próprio ministro?", indagou o porta-voz.

Instado a prestar esclarecimentos adicionais sobre as negociações, Francisco Baker insistiu na estratégia que o ministério vem adotando nos últimos dias: "Não se falará enquanto não sair o acordo". Ele interpretou o desabafo feito à tarde pelo ministro Bresser Pereira como uma constatação de que a negociação em Nova Iorque "é penosa, não acaba nunca".

Milliet não vê nenhum impasse

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, desmentiu ontem à noite, através de seu assessor de Imprensa, Reinaldo Domingos Ferreira, que as negociações com os credores tivessem chegado a um impasse, conforme chegou a circular em Brasília. "Não há nada de anormal e as negociações prosseguem", segundo Milliet, que desmentiu também que Fernão Bracher, que está em Nova Iorque, tivesse sido chamado de volta para Brasília para novas discussões.